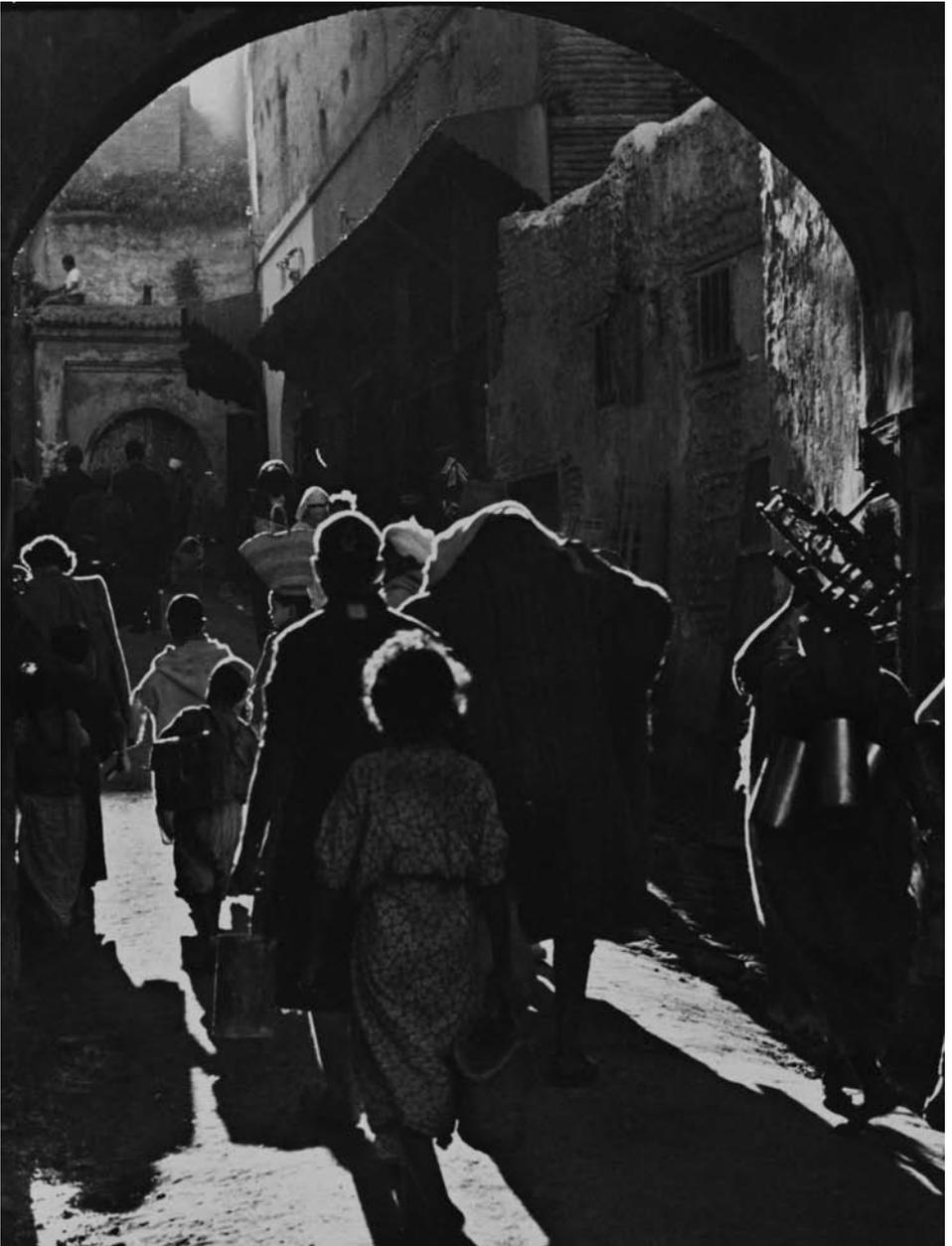


SOCIEDADE

JUNTOS FAZEMOS SENTIDO



Num mundo global e multiforme de etnias, crenças e classes, a sociedade é verdadeiramente heterogênea nas formas, atitudes e territórios. Chega-se à vida sem qualquer explicação prévia de para onde vamos ou de qual será o nosso papel neste mundo. E é ao longo da nossa vida que nos habituamos às coisas, aos outros e aos lugares, até os acharmos naturais. Em regra, o indivíduo cresce aceitando facilmente uma visão do Universo que, para muitas pessoas, ficará definitiva e imutável. Aos insistentes porquês das crianças, os pais respondem como sabem e, por aí fora, do mesmo modo a família, a escola, os amigos, a comunidade. Como resultado, a sociedade organizada e institucionalizada reúne uma pluralidade de relacionamentos em que os vínculos do educativo com o social, do informativo com o educativo, do social com o económico, do económico com o ambiente ou mesmo do humor com o informativo, reflectem uma complexidade sempre latente e a necessidade de uma crescente responsabilidade social num quotidiano que é consequência de um passado, com um futuro, com um sentido de tempo, de espaço e de mudança.

MAFALDA E BARTOON

Ao longo da nossa vida, muitos dos grandes personagens da banda desenhada e do cinema de animação permanecem no nosso imaginário: *Bécassine*, *Corto Malteses*, *Gaston Lagaffe*, *Lucky Luke*, *Michel Vaillant*, *Mickey*, *Peanuts*, *Popeye*, *Príncipe Valente*, *Spirou e Fantásio*, *Tintin*, *Davy Crockett*, *Astérix*,

**Personagens
inesquecíveis**

Calvin, Mafalda, o barman do *Bartoon*... Na era em que vivemos, a era da construção de “visões do mundo”¹⁵⁹ e da valorização de ofertas de sentido para a nossa existência, de uma forma simples, *Mafalda*, uma criação do argentino Quino e as tiras do *Bartoon* do cartunista português Luís Afonso, acompanharam o lento movimento da emancipação do indivíduo e da transformação da sociedade moderna. Legendas, diálogos e pensamentos, dão vida a personagens inesquecíveis, que revelam situações que, apesar de fictícias, se aproximam claramente do mundo real.

Mafalda

Mafalda é a pequena filósofa da memória coletiva dos argentinos que, com humor, na companhia da sua família e amigos, questionou e fez refletir os leitores e posteriormente plateias, sobre a sociedade, sobre a validade dos hábitos, dos valores, das crenças, da opinião pública e da vida no planeta.

A não superação das mazelas da sociedade

Já em 1969, Umberto Eco descrevia *Mafalda* como uma «heroína zangada que recusa o mundo tal como ele é»¹⁶⁰. A sua atemporalidade denuncia, de acordo com o seu criador, a não superação das mazelas da sociedade e dos erros da humanidade, a permanente falta de soluções para as mesmas questões e para um sem número de porquês: Porque há guerras? Porque há pobres? Porque se destrói o planeta? A menina de seis anos, com um laço na cabeça, preocupada com a humanidade, com um mundo melhor, opõe-se ao imperialismo, à corrupção, aos governos militares, às guerras e aos diversos conflitos internacionais. Questiona o papel da mulher na sociedade, os valores culturais, as instituições, os direitos humanos, a autodeterminação dos povos, os sindicatos, as funções da ONU, os paradigmas capitalistas de produção e consumo, a clareza de conceitos e práticas como a democracia e a liberdade. Enfim, centra-se na sociedade, no consumo e na indiferença do mundo entre 1964 e 1973.

Público alvo

O público-alvo das suas histórias foram prioritariamente os adultos. O cartunista, atormentado pela relação entre os fracos e os poderosos, a impotência dos pobres em relação aos

ricos e a tendência do ser humano em estragar tudo o que faz, manifestou as suas opiniões, na boca de Mafalda, uma criança que detestava sopa e gostava dos Beatles. Mafalda, apesar de ser uma criança, excedia constantemente o entendimento dos adultos, com a sua capacidade crítica e reflexiva sobre a sociedade. *Burocracia* foi o nome que deu à sua tartaruga. Refira-se que todos os personagens das tiras da *Mafalda* garantem uma abrangente representatividade social e humana, nas suas mais variadas vertentes ideológicas.

É inesquecível a imagem de Mafalda a afastar-se de um globo terrestre que tem pendurado um letreiro com o seguinte teor: “Cuidado! Irresponsáveis a trabalhar.” Este humor do mundo infantil de *Mafalda* espelha de uma forma genial, um olhar atento e crítico sobre toda a sociedade e uma luta pela liberdade, pela responsabilidade, pela confiança, pela democracia, pela paz e pelo entendimento.

**Irresponsáveis
a trabalhar**

Posterior à *Mafalda*, e de autoria portuguesa, *Bartoon* é uma referência da BD e uma referência social desde 1993. São tiras de um jornal diário que refletem um olhar atento, mordaz, sempre atual, sobre episódios marcantes da realidade noticiosa do país ou do Mundo. Segundo o seu autor, o importante é “fazer humor através das contradições, tentando sempre não tomar cegamente partido por um lado”¹⁶¹. As suas histórias baseiam-se sempre num acontecimento, numa notícia ou numa frase real, são conversas ao balcão, com o jornal na mão de um cliente ou a ser lido pelo barman, outras vezes um rádio ligado...

Bartoon

Uma extensa lista de personagens passou pelo balcão do *Bartoon*, sentando-se num dos seus bancos ou encostando-se-lhe apenas enquanto saboreavam uma cerveja ou passavam os olhos pelo jornal. Do marine americano ao banqueiro do FMI, do arrumador de automóveis ao polícia de intervenção, do touro de Barrancos ao comerciante de armas, do homem de Foz Côa a um taliban, para além do inveterado bebedor de cerveja, do velho de óculos quadrados, da mulher dos fartos

**Raramente
cidadãos**

cabelos negros, do intelectual de lacinho, muitos pisaram esse singular palco da atualidade que é o bar mais mediático do país¹⁶². Recorde-se as bem humoradas histórias do *Bartoon* inspiradas nas gravuras de Foz Côa, que fecharam, provisoriamente, numa folha de jornal, o círculo iniciado há dezenas de milhares de anos com as primeiras manifestações do génio humano na superfície de uma rocha¹⁶³. Recorde-se também uma delas em que o barman, confia à mulher de fartos cabelos negros: “Nos últimos tempos tenho reparado na forma como os portugueses são olhados pelo governo. Uma vez como eleitores, outras como contribuintes, outras ainda como telespectadores/consumidores. Raramente como cidadãos.”

A força do humor editorial de *Mafalda* e do *Bartoon* dá uma imagem multifacetada da vida em sociedade, da importância da nossa identidade e de todo o património cultural na construção de uma ação coletiva.

SOCIEDADE E MACROAMBIENTE

Projeto comum

Existindo desde o aparecimento do Homem, as sociedades humanas foram-se alterando ao longo da História. Cada um de nós nasce numa sociedade modelada através de uma longa série de experiências, onde as pessoas se interrelacionam num projeto comum que lhes confere uma identidade de pertença.

Sociedade

A experiência de viver acontece em realidades sociais, culturais, económicas e religiosas diferenciadas, revelando características individuais e coletivas do convívio em diferentes teias sociais. Essas teias são tão antigas como a própria existência humana, onde a sociedade é entendida como um sistema de interações humanas culturalmente padronizadas. Ela é um tipo e um modo de organização da coexistência,

ligados a condições naturais e situações históricas dadas e a uma rede de razões simbólicas, de significados imaginários, mediante os quais se compõe e se forma a coesão específica que permite aos indivíduos conhecer-se, pensar e agir¹⁶⁴. É algo dinâmico, num incessante processo de mudança, onde as relações e as instituições dão continuidade à vida social.

É a faculdade de criar relações entre elementos diversos que produz a sociedade e torna possível a História. Um fazer criador que faz e refaz incessantemente as suas próprias instituições e cria, de modo contínuo, espaços e autonomia indefinidos e abertos, indivíduos distintos e grupos humanos diferentes com culturas opostas¹⁶⁵.

Efetivamente, a palavra sociedade, tradução do latino *so-cietas*, teve sempre associados ao seu significado, a união, o vínculo com os outros, a participação, a comunhão de interesses, a associação e a aliança. Remete para a questão das relações entre indivíduos e entre o indivíduo e o grupo, que são orientados pelos duplos princípios de cooperação-solidariedade e de competição-antagonismo. Daqui se depreende que sociedade e individualidade não são realidades separadas. Complementar e contraditoriamente, indivíduo e sociedade são constituintes um do outro¹⁶⁶.

Entenda-se que o facto de as sociedades serem formadas por indivíduos implica sempre que sejam profundamente moldadas pela sua cultura. E qualquer teoria que se especialize em cultura deve reconhecer que, no caso do homem, a sociedade e a cultura ocorrem sempre em simultâneo, conferindo aos fenómenos um aspeto social e um aspeto cultural¹⁶⁷. Consequentemente, os grupos humanos organizados e institucionalizados contêm uma pluralidade de relacionamentos reveladores de múltiplas lealdades no âmbito espacial, ideológico, político, económico, social, étnico, religioso e cultural¹⁶⁸.

**Indivíduo
e sociedade**

**Sociedade
e cultura**

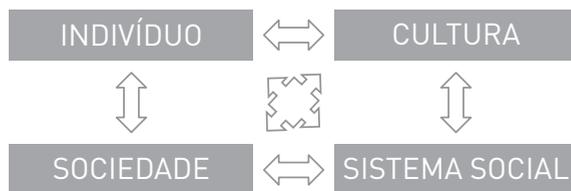


Fig. 7 – Relação entre indivíduo, sociedade e cultura.

Auto-organização e complexidade

Na teoria da natureza humana, baseada na ideia de auto-organização e numa lógica da complexidade, a cultura do ser social reúne, em si, um duplo capital: por um lado um capital técnico e cognitivo – de saberes e de saber fazer –, que em princípio pode ser transmitido a qualquer sociedade e, por outro lado, um capital específico, que constitui traços da sua identidade original e alimenta uma comunidade singular em referência aos seus antepassados, aos seus mortos, às suas tradições. Formula, assim, que o conjunto constitui o sistema generativo duma sociedade sapiental. Por meio de regras, de normas, de proibições, de quase-programas, de estratégias, esse sistema controla a existência fenomenal da sociedade, de forma a assegurar a manutenção da complexidade social, e auto perpetua-se através da sucessão das gerações, reproduzindo-se em cada indivíduo¹⁶⁹.

Poder e dominação

A mobilidade do presente panorama internacional e a evolução social e cultural mostram uma sociedade aceleradamente tecnicizada onde o poder e a dominação são dois fenómenos que caracterizam as relações sociais. Eles estão presentes em qualquer sistema político nacional ou internacional ou em qualquer análise e reflexão sobre o funcionamento das sociedades e dos Estados.¹⁷⁰

Nações ou Estados

Entende-se por Nações ou Estados, os corpos políticos, sociedades de homens unidos e de forças solidárias, com o objetivo de atingir segurança e vantagens comuns, através de atividades e interesses próprios. Tal sociedade delibera e toma decisões, tornando-se uma pessoa jurídica com entendimento e vontade

próprios, obrigações e direitos¹⁷¹. O Estado é a materialização organizada, resultado de um processo histórico da vida social e das aspirações humanas com um grau elevado de institucionalismo e reconhecimento internacional. A sua morfocomposição responde a uma lógica de gestão de lealdades internas (pacíficas ou conflituosas) e responde também ao processo histórico de articulação de diferentes formações sociais, étnicas, culturais, religiosas, linguísticas no interior da nação ou no cerne das várias nações existentes no próprio Estado. Quando se verifica uma conjugação coesa entre nação (elemento social) e o Estado (elemento político-institucional) é um Estado isocomposto, como Portugal, a Dinamarca ou o Uruguai, entre outros. Quando existe uma pluralidade de grupos étnicos, religiosos, sociais, linguísticos e culturais difusos onde a troca e os relacionamentos motivam lealdades exacerbadas, há uma pluricomposição do Estado como a Nigéria, o Sudão, o Ruanda e a Somália – são exemplos, de Estados fraturados interiormente, com potencialidade de violência sectária.¹⁷²

O Estado conjuga três elementos: uma base territorial, uma comunidade humana estabelecida nessa área e uma forma de governo não subordinada a qualquer autoridade exterior. O funcionamento e operacionalidade das suas instituições e do seu aparelho público sob o ponto de vista de eficácia e efetividade, entre outros, deve evitar a manipulação, a intervenção, a ingerência e também a vulnerabilidade a forças externas. A verdadeira dificuldade do Estado é cumprir o seu papel. Num Estado desenvolvido, nenhuma empresa é mais forte que ele próprio¹⁷³.

Relativamente ao desenho institucional e corpo político, ou quanto à divisão espacial do poder e das competências materiais, a forma de Estado pode ser unitário – como Portugal, ou federal, ou confederado. Quanto à forma de governo, referem-se os regimes monárquicos e os regimes republicanos. No primeiro, a forma de Estado, exceto por mudança estrutural, está determinada pelas sucessões e pela linhagem real no exercício vitalício da chefia de Estado. No segundo, *a coisa*

**Território,
comunidade
e governo**

**Forma de Estado
e forma de
governo**

pública verifica-se na alternância do poder por meio do exercício das funções e cargos públicos através de mandato eletivo ou de acesso meritocrático.

Sistema de governo

No respeitante aos sistemas de governo, referem-se os regimes parlamentaristas e presidencialistas. Nos diversos formatos do primeiro, a chefia do Estado e a chefia do governo são duas pessoas distintas – Portugal, Itália, França, Suécia, Reino Unido, Espanha, entre outros. No segundo, tendo o exemplo dos Estados Unidos da América, observa-se a chefia do Estado e do governo na mesma pessoa, o presidente.

Regime político

A estrutura partidária de um Estado é essencial na análise do regime político do país, ou seja na determinação do seu regime político, se possui um governo democrático, autoritário ou semidemocrático. Se o funcionamento estrutural político é unipartidário, por essência será autoritário. Em regimes democráticos, o funcionamento é geralmente multipartidário, possibilitando um sistema de controlos múltiplos e a ascensão democrática ao poder.¹⁷⁴

Crescimento ou vulnerabilidade dos países

Nesta orgânica citam-se nove elementos característicos que revelam a projeção de crescimento ou a vulnerabilidade dos países: poder bélico (*hard power*), o poder cultural (*soft power*), a localização, a dimensão total, a topografia, o clima, o formato/desenho territorial, a distribuição demográfica e o governo nacional.¹⁷⁵

A lógica não linear dos processos de globalização, regionalização e interdependência complexa mostram que as linhas que separam, num país, a esfera interna da exterior estão cada vez menos nítidas, na medida em que as questões internas e externas são determinadas por inter-relações complexas no quadro das preferências e da agenda dos Estados.¹⁷⁶

A autonomia gradual, os processos de independência, movimentos e revoluções sociais e políticas, associam a um Estado um sentimento partilhado no tecido humano de nacionalismo

e de sentido de pertença àquela ordem estatal. O Estado nacional é recente na dinâmica histórica. Como termo, foi usado por Maquiavel na literatura ocidental e, de acordo com uma tradição jurídica ocidental, foi-se exportando para o resto do globo. Os Estados nasceram de conquistas, guerras civis ou lutas pela independência. Observe-se que ao longo dos tempos a guerra precedeu o Estado, a diplomacia, a estratégia e as novas ordens mundiais. Contudo, na sociedade atual, compreende-se que os Estados e os seus dinamismos sofrem modificações contínuas que poderão resultar não somente em redefinições, mas em transformações radicais. O declínio desta importante instituição moderna verifica-se desde a Europa Ocidental até à África, voluntaria ou involuntariamente. Muitos Estados estão-se a aglutinar em comunidades maiores ou a desmornarem-se.¹⁷⁷

Segundo Montesquieu, uma república pequena vive sob a ameaça de destruição por um poder estrangeiro, uma república grande vive sob ameaça de desagregação das condições internas. Tal pensamento reflete a estreita relação entre a segurança interna e a segurança internacional e coletiva, revelando a necessidade de manutenção da estabilidade interna como meio de consolidar a confiança, a paz e a harmonia entre os Estados.

Para os Estados são questões importantes do *quantum* do seu poder, por exemplo, a expansão do mercado consumidor, a ampliação da capacidade competitiva externa, ou o aumento da produção energética nacional. Também a liderança demonstrada da tecnologia de ponta através da investigação em áreas específicas como a biotecnologia, a nanotecnologia, a genética, a robótica, a telemática, a química, a indústria aeroespacial ou a cibernética, mostram um aumento da formação do capital intelectual¹⁷⁸ que capta o interesse externo, aumentando a atratividade do país. A riqueza de um Estado-nação é um fator que gera possibilidades passíveis de alterar a relação com os demais atores no plano regional e internacional. Refira-se, contudo, que a riqueza não se traduz

em poder de forma imediata. Observe-se a Noruega, um país que possui altos índices de desenvolvimento humano (IDH), que não são considerados como quociente de poder.

Ausência de um projeto

É através do planejamento estratégico que se define o uso e o sentido da riqueza acumulada por um país. Essa riqueza requer uma instrumentalização com recurso a projetos com metas precisas e bem estruturados a longo prazo, tendo como finalidade a concretização dos objetivos nacionais permanentes e uma boa articulação internacional¹⁷⁹. A ausência de um projeto a longo prazo nacional ou regional faz com que ocorram perdas históricas importantes para o indivíduo, para os Estados, para os organismos e para a sociedade a nível do desenvolvimento humano e a nível do desenvolvimento económico.

O desenvolvimento das ideias, dos conceitos e instrumentos do sistema internacional global e da realidade política do mundo contemporâneo que dividem e preocupam a humanidade, englobam, entre outras, as seguintes questões: a estrutura do sistema internacional, o funcionamento dos organismos financeiros internacionais, as condições básicas para a paz, o fim da fome, a saúde e a segurança mundial, os fatores condicionantes da política exterior e as decisões que a afetam, os conflitos e as crises, as migrações, os processos decisórios internacionais, os dilemas civilizacionais, os processos de integração regional, as mudanças climáticas, as armas nucleares, o narcotráfico e as organizações internacionais.

Leste e Oeste, Norte e Sul

Estes vários temas confrontam a sociedade atual com grandes desafios porque, independentemente do lugar onde os factos aconteçam, todos eles se influenciam reciprocamente no sistema planetário que reúne o conjunto da Humanidade e que é constituído pelos diversos continentes. Neste macroambiente, renovam-se e transformam-se interdependências políticas, económicas, sociais ou estratégicas entre Leste e Oeste, Norte e Sul.

IDENTIDADE E PATRIMÓNIO CULTURAL

Sucedem que a sociedade tem vivido transformações a diversos níveis – classe, género, sexualidade, etnia, raça, religião, economia, etc., que influem em todos os aspetos da vida humana, em particular nos processos identitários dos indivíduos, como a construção de identidades e a patrimonialização de bens culturais. Ambos se relacionam com a temporalidade, a história, a geografia, a demografia, a biologia, as instituições, a política, a religião e a memória individual e coletiva. Porém, todas estas matérias são processadas por indivíduos, grupos e sociedades, que reorganizam e organizam o seu significado em função da sua estrutura social, bem como da sua visão temporal, convertendo identidade e património cultural em conceitos indiscutivelmente dinâmicos, referenciais da cultura e da sociedade.

**Dois conceitos
dinâmicos**

Embora a transmissão, o intercâmbio e a mudança sejam caminhos que orientam a sua formulação e a sua construção, ambas as noções se baseiam numa pertença comum, simbolicamente representada por elementos materiais e imateriais, construída num domínio interdisciplinar e cronológico. São assim processos complexos, que casam aspetos objetivos com aspetos subjetivos. Cruzam contextos socioeconómicos e geográficos, contingências históricas e políticas com sistemas de valores, experiências pessoais ou referências simbólicas.

Assistimos na Cena II do Ato II da peça *Romeu e Julieta*, de Shakespeare, cujo enredo aborda o problemático romance entre os Montecchio e os Capuleto, famílias rivais de Verona, a Julieta interrogar-se sobre o “que há num simples nome?”. De facto, a escolha do nome associa-se cognitivamente a um processo histórico-cultural e sociolinguístico, que representa pertença e ou identidade.¹⁸⁰

A identidade é um projeto simbólico que os indivíduos constroem ativamente, manobrando os recursos e os materiais

Identidade

simbólicos que lhes estão disponíveis, com os quais tecem narrativas coerentes entre si mesmos, enquanto membros de comunidades e participantes de formas e estilos de vida concretos¹⁸¹. Refira-se que a construção de identidades se baseia em processos de identificação de natureza plural. Sendo que a identificação considera a autoidentificação, a semelhança e a constatação da diferença, ou seja, Nós e os Outros.

O confronto com o facto de hoje existirem mais transformações e mudanças do que as nossas capacidades cognitivas conseguem compreender¹⁸², provoca nas nossas identidades sociais, culturais, profissionais, religiosas e sexuais um processo de transformação contínua, evidenciando a identidade como conceito-chave para o entendimento da vida social¹⁸³.

Identidade cultural, social e nacional

Ao falar-se da identidade cultural, especifica-se um conjunto ativo de relações sociais e patrimónios simbólicos historicamente compartilhados, que define a comunhão de determinados valores entre os membros de uma sociedade. Por sua vez, a alusão à identidade social faz-se no sentido de ela ser uma propriedade dos indivíduos na qualidade de seres sociais; nomeiam-se identidades sociais, como as de classe, género, ocupacional e religiosa, e também as identidades nacionais. Estas últimas, são formas distintas da identidade coletiva. Quando se referem identidades nacionais, aludem-se práticas, experiências e discursos que se relacionam com o facto nacional.¹⁸⁴ O desporto, por exemplo, é uma plataforma de alcance internacional, onde por vezes, se verificam exacerbações de identidades nacionais.

Cultura e identidade

É sempre através da cultura que se estabelece o código pelo qual as pessoas se compreendem no jogo social e, também, a significação particular da ação e das instituições sociais em cada coletividade. Assim, a cultura dá um sentido à noção de identidade, ou seja, aos diferentes sentidos da identidade. É em função das culturas que a identidade pode constituir-se na nação ou na tribo, territorializar-se ou confundir-se com as estruturas comunitárias que, por vezes, anulam mesmo qualquer espacialização.¹⁸⁵

À expressão da cultura dos grupos humanos que resgata memórias, ritualiza sociabilidades, elege bens culturais e transmite legados para o futuro, vincula-se o património cultural, a sua relevância social e a sua expressão espacial¹⁸⁶. Neste sentido, a noção de património surge quando um indivíduo ou um grupo de indivíduos reconhece como seu um objeto ou um conjunto de objetos¹⁸⁷. Desenvolve-se num processo simbólico de legitimação social e cultural de determinados objetos que conferem a um grupo um sentimento coletivo de identidade. Toda a construção patrimonial é uma representação simbólica de uma dada identidade e de um dado presente¹⁸⁸, uma negociação sociocultural, onde o património resulta sempre de uma seleção ou de uma escolha.

**Eleição e
legado de bens
culturais**

O desafio de análise e classificação de milhões de fotografias georreferenciadas concluiu que os turistas fazem percursos e fotografam coisas diferentes, criam mapas de imagens e vídeos distintos, conforme querem recordar os lugares: como uma novidade ou curiosidade, ou associados ao seu quotidiano. Em 2012, os três sítios mais fotografados no Instagram foram um aeroporto, um centro comercial na Tailândia e a Disney na Califórnia. Tal constatação levanta a seguinte questão: vão ser estes os monumentos e o património do futuro? Provavelmente às antigas catedrais românicas, góticas, renascentistas, barrocas,... sucedem-lhes agora as “catedrais” do consumo e do entretenimento.¹⁸⁹

Esta interrogação é muito pertinente, na medida em que o universo do património integra um processo dinâmico da representação da simbólica da cultura, das práticas de seleção de determinados referentes, de negociação e delimitação dos significados. Ele remete para a preservação dos significados e códigos expressivos do coletivo.¹⁹⁰

**Seleção de
referentes**

No sentido evolutivo da noção de património, assume particular expressão a sua indissociabilidade com a ideia de proteção e transmissão. Mas o elemento determinante que define o conceito de património é a sua capacidade de re-

**Proteção,
transmissão,
identidade**

presentar simbolicamente uma identidade¹⁹¹. Como construção social, o património reflete a forma como, no presente, a sociedade se relaciona com o passado, num mundo onde a mudança é uma constante. O seu trajeto e salvaguarda necessitam obrigatoriamente de conciliar o tradicional com o inovador na transmissão da sua história, de forma a suscitar curiosidade e captar o público contemporâneo. No processo da sua transferência para uma nova geração, a mudança está sempre presente no legado, bem como na sua percepção e receção.¹⁹²

Património cultural

A abrangência do campo do património, quer no âmbito do ambiente natural como no do ambiente cultural inclui: paisagens, locais históricos, sítios e ambientes construídos, bem como a biodiversidade, coleções, práticas culturais passadas e continuadas, conhecimentos e experiências vividas. O património cultural regista e exprime o longo processo do desenvolvimento histórico, formando a essência das diversas identidades nacionais, regionais, indígenas e locais, é uma parte integrante da vida moderna.¹⁹³

Lógica da valorização comercial do património

Como referencial dinâmico, é também um instrumento inclusivo para o desenvolvimento e para o intercâmbio¹⁹⁴. Assim, perante o aumento da importância atribuída à preservação do património como elemento de afirmação das identidades e singularidades locais, surgiu um mercado patrimonial. Paralelamente à lógica da singularidade do objeto associou-se a lógica da sua valorização comercial e a exploração turística dos recursos patrimoniais.

Turismo

Deu-se como inevitável a evolução da sociedade no sentido de uma crescente comercialização do património cultural.¹⁹⁵ O património bem gerido física, intelectual e emocionalmente, e o desenvolvimento cultural, constituiu-se como um direito e como um privilégio dos indivíduos¹⁹⁶. Consequentemente, o turismo nacional e internacional converteu-se num dos veículos mais visíveis para as trocas culturais, proporcionando uma experiência pessoal relacionada com os

vestígios do passado e com o quotidiano atual de outras sociedades contemporâneas.

Os agentes do património desenvolvem as suas atividades num quadro institucional marcadamente dinamizado pelo setor público, ou mediante financiamentos públicos agregados a privados¹⁹⁷. Contudo, verifica-se que o património cultural padece, muitas vezes, de défice de capacidade de garantir autossuficiência económica. Para além da problemática financeira, justifica-se também uma busca permanente de um sentido e de uma narrativa coerentes, que sejam perceptíveis ao público contemporâneo (que inclui inevitavelmente o público digital), onde o seu reconhecimento e oferta de experiências fuja à singularidade de um vulgar destino turístico.

Num contexto marcado pela atenção crescente de várias instituições políticas internacionais (como a UNESCO) e profissionais (como o ICOMOS – *International Council of Monuments and Sites*, e o ICCROM – *International Centre for the Study of the Preservation and Restoration of Cultural Property*) pela evolução dos conhecimentos e por reflexões sobre diferentes conceitos, preteriram-se gradualmente abordagens às questões patrimoniais baseadas no isolamento e na descontextualização de valores culturais e privilegiaram-se abordagens integradas. Legalmente viabilizou-se o reconhecimento externo de valores culturais excecionais, mormente dos inscritos na Lista do Património Mundial da UNESCO (como o caso já referido dos monumentos da Núbia de Abou Simbel a Philae que foram incluídos na Lista do Património Mundial da UNESCO em 1979); estimulou-se a participação em procedimentos de avaliação ambiental estratégica, planos e projetos; oficializou-se a representação em grupos de trabalho, conselhos e comissões promovidos por diferentes entidades e países, com competências no âmbito da gestão territorial. Em simultâneo, e procurando acionar mecanismos de reforço de identidades, procura-se reduzir a disparidade entre os níveis de desenvolvimento das regiões.¹⁹⁸

**Quadro
institucional
do património
cultural**

**UNESCO,
ICOMOS,
ICCROM,
abordagens
integradas**

CONSTRUÇÃO DA AÇÃO COLETIVA

Numa dimensão histórica, o indivíduo está sempre em relação com os outros, estimulando uma forma de pensar relacional que considera sempre as relações identificáveis nos modos de coexistência, de sociabilidade ou de relações entre indivíduos, ou ainda relações que organizam o campo de produção estética, filosófica e cultural, num determinado tempo e num determinado ponto.

Classes sociais

A herança de cada grupo ou classe tem pressupostos diferentes para a performance social. No mundo moderno, a estratificação social traduz-se em estruturas de classes sociais – baixa, média, alta, possibilitando a construção diferenciada dos indivíduos. A vivência na família, na escola e na sociedade em geral, contribui para a reprodução de formas específicas de agir, reagir, refletir, perceber e de se comportar no mundo.

Capital cultural

Os efeitos estruturantes das classes sociais, enquanto variáveis, devem ser encarados como tendências, pois compatibilizam-se com a influência de outras variáveis na orientação das práticas e gostos culturais. As esferas dos estilos de vida caracterizam-se por variáveis que não são necessariamente a classe social. Observa-se que as classes sociais não se reproduzem exclusivamente pelo capital económico, reproduzem-se também pelo capital cultural, que representa tudo aquilo que as pessoas incorporam desde amais tenra idade. O conjunto de recursos, competências e apetências disponíveis e mobilizáveis em matéria de cultura dominante, estão na base do conceito de capital cultural desenvolvido por Pierre Bourdieu no interior de um sistema teórico. Assim como qualquer capital, o capital cultural é um recurso ou poder que se manifesta numa atividade social, possibilitando benefícios económicos, culturais, sociais ou simbólicos nos campos e nos mercados onde é eficiente.

Em geral, nas classes altas predomina o capital económico. Nas classes médias, menos privilegiadas do que as classes altas, existe um capital cultural alto, saber científico, todo um conhecimento variado. Ambas as classes integram indivíduos livres, consumidores e cidadãos; na realidade, mais consumidores do que livres e cidadãos. As classes baixas não têm um acesso privilegiado nem ao capital económico, nem ao capital cultural, nem ao capital social. A classe média distingue-se da classe baixa por a amplitude das suas referências e disposições ser mais elevada, apesar de partilharem alguns gostos e práticas.

Uma aproximação à identificação e à interpretação dos processos coletivos na organização social requer uma base interdisciplinar. A fenomenologia relacional e a consagração institucional de soluções e formas de intervenção, focam questões que são intrinsecamente interdisciplinares. Pois o facto de muitas vezes não se procurarem soluções multidisciplinares, pode conduzir a grandes problemas de sustentabilidade disciplinar, como pode ser ilustrado, hoje em dia, pela Economia. Esta, ao reduzir-se a uma disciplina de mercados, minou profundamente a sua condição científica e a sua capacidade para interpretar a evolução social.¹⁹⁹

O problema da sustentabilidade disciplinar pode procurar uma solução numa visão “indisciplinar” que se aproxime dos fenómenos e dos processos sociais.²⁰⁰ Para tal, a cultura e a História são referenciais indispensáveis na abordagem da dinâmica da sociedade. O seu estudo revela-se um elemento essencial para a compreensão do modo como historicamente o homem se foi relacionando com o mundo, com os seus semelhantes e com a experiência.

Hoje, o estudo da sociedade dá-nos a imagem de um campo desestruturado e não a imagem de algo iluminado pelo saber e cujos elementos se inserem num todo coerente. Isto por se viver numa sociedade em contínuo desequilíbrio, sem um contínuo regresso a uma harmonia sem conflitos. Trata-se de

**Uma base
interdisciplinar**

**Sistema
complexo**

um sistema complexo, caracterizado pela impossibilidade do seu domínio total, e pela impossibilidade do domínio de todas as suas variáveis em simultâneo. Contudo, pode considerar-se que a robustez das sociedades atuais reside na sua complexidade e indeterminação, na renúncia à soberania, na convicção de que o poder absoluto é o malogro da política. Mas também, paradoxalmente, a vulnerabilidade das nossas sociedades resulta de ela ser aquilo que as faz mais fortes²⁰¹.

Independência e liberdade

Ao recordarmos o homem das sociedades tradicionais e a sua organização, percebemos que ele não tinha a liberdade que se goza hoje no mundo ocidental, mas que beneficiava de um determinado número de solidariedades que se foram perdendo. De uma forma surpreendente observa-se o indivíduo moderno, homem ou mulher, exprimir exigências contraditórias em relação à sociedade, “deixem-me em paz” e “tratem de mim”: gosta de conservar as vantagens da liberdade (a independência) e livrar-se dos seus inconvenientes (a responsabilidade)²⁰².

Transformação da sociedade internacional contemporânea

De facto, a questão social tornou-se hoje territorial, onde diversos fenómenos transformaram a sociedade internacional contemporânea desde o mundo do pós-guerra até ao complexo mundo de hoje. Enumeram-se alguns deles: a descolonização foi uma revolução a vários níveis, económico e cultural, um processo político que provocou, nomeadamente, novas maiorias na ONU, a reivindicação de uma nova ordem económica internacional, o despertar do Islão, etc.; a emergência de países em desenvolvimento e os novos protagonismos criaram a possibilidade da substituição dos Estados Unidos como primeira potência mundial; a revolução científica e técnica fez crescer a interdependência mundial e também a desigualdade, acelerando também a corrida ao armamento; a pobreza e a guerra têm originado grandes vagas migratórias e uma crise crescente de refugiados, sem existir uma visão estratégica para a solução; a revolução nuclear e espacial deu-se através de situações contraditórias como a proliferação de armamento nuclear e uma paz acorrentada

no medo de um suicídio nuclear coletivo, tudo associado à expectativa e ao temor das consequências civis da atividade de centrais termonucleares, satélites de comunicação ou de observação e exploração do Espaço. Face aos contornos de um sistema internacional desestabilizado e frágil²⁰³ de sociedades de transição, de negócio e de negociação, todas estas condições e transformações anunciam uma impossibilidade anunciada de ação coletiva, caso não se leve em consideração os outros e não se coopere com eles.

Uma reflexão sobre a atualidade, sobre a complexidade associada à necessidade de caminhar para uma sociedade mais horizontal, requer estabilidade, reforma do pensamento e uma consequente reformulação do sistema. Esta perspectiva e compreensão do mundo, dá um novo sentido à ação, estimula uma procura de liberdade e de sentido na complexidade: equidade social, sustentabilidade energética e ambiental, paz, estabilidade financeira, eficiência económica e relações internacionais solidárias.

Isto porque se vive numa época que confronta as pessoas com a necessidade imperativa de despertar de uma calma que era ilusória.²⁰⁴ Desta forma, tem que se aproveitar esta oportunidade para rever, reavaliar e fazer aquilo que faz sentido. Devemos concentrar-nos naquilo que depende de nós²⁰⁵.

Não devemos desvalorizar e relativizar a particularidade das relações sociais e das formas de mediação cultural presentes em cada contexto da sociedade, porque isso possibilita a faculdade de introduzir pelo individual, o incalculável e o imprevisível nas diferentes dinâmicas sociais²⁰⁶. As grandes revoluções começam em nós mesmos, porque cada ator individual possui uma força singular de mudança a diversos níveis – social, político, cultural, económico-comercial e jurídico.

Pode dizer-se que todo o processo cultural, produz naturalmente crítica e produz crise. E pode entender-se a crise como a situação de permanente questionamento dos valores e for-

**Procurar o
sentido da
complexidade**

**Concentrar-nos
naquilo que
depende de nós**

mas de vida tradicionais. Como a abertura e indeterminação dos enquadramentos políticos, como a modificabilidade das instituições e dos consensos, das possibilidades de mudança que estão sempre à disposição dos consumidores, dos votantes e dos eleitores, das alternativas entre concepções do mundo, dos valores e dos interesses. Aparentemente, a crise é o estado normal das sociedades, não se podendo necessariamente opor à palavra *crise*, *normalidade*, nem *conflito* ao *consenso*.²⁰⁷

Cultura cristalizada na classe política

Neste tempo de incerteza absoluta, os políticos em funções raramente estão à altura dos novos desafios, quer intelectual, moral ou pragmaticamente, dando origem a um descontentamento massivo relativamente à classe política. Na realidade existe um estado, a nível planetário, assente em insuficiências antropológicas. Pois quer os políticos quer os não políticos, raramente parecem estar capacitados para responder aos desafios globais. E as crónicas recriminações contra a classe política são a projeção de uma cultura mundial que, de certo modo, se cristaliza nas personalidades políticas²⁰⁸. De facto, não se sabe qual o tipo de homem necessário para preencher os espaços vazios e quais os treinos para reduzir a gigantesca lacuna entre a forma global do mundo e as mentes locais.²⁰⁹ Temos de reestruturar as formas de nos vermos a nós próprios e de como queremos e precisamos de ver os outros. É através de perguntas e procura de respostas que arriscamos inventar, mudar, transformar e revolucionar²¹⁰.

Política pública como questão cultural

Entende-se como fundamental para a obtenção de resultados consensuais, o interesse e o envolvimento efetivo, a nível individual e coletivo, nos processos públicos. Nesse sentido, o problema que se coloca ao futuro da política pública é uma questão cultural. São necessárias mudanças profundas por parte dos atores que mais contribuem para o êxito ou o insucesso da política pública, a comunidade profissional, decisores políticos e cidadãos em geral²¹¹. Com efeito, os objetivos concertados das políticas públicas constituem, em princípio, como que um quadro de cooperação relativamente à ação pública e à vida coletiva.

Se por um lado é importante ser-se exigente face ao Estado – na eficácia e defesa do bem comum –, por outro lado não se lhe deve exigir mais do que ele tem possibilidade de dar. Pois o discurso atual, em que é recorrente a necessidade de mudança da administração pública, pressupõe uma mudança profunda na maneira de se fazer política. E mudar a maneira de fazer política implica um novo modo de se fazer opções a nível individual e de grupo e, deste modo, um modo distinto, por exemplo, de se elaborarem e negociarem programas e orçamentos do Estado cuja execução física e financeira necessita de uma monitorização e análise consequente, num quadro de políticas públicas que não estejam sujeitas a ciclos eleitorais e a pressões externas desnecessárias. A crise do Estado-Providência, o envelhecimento demográfico, a emergência de formas de trabalho atípicas, entre outras matérias, envolvem processos de regulação social e políticas sociais que carecem de uma compatibilização entre uma complexidade de questões territoriais e uma densidade de atores com interesses contraditórios e conflituais. A construção de compromissos consensuais entre atores, associando as suas motivações e mobilizando os seus meios, permitem novos modos de ação coletiva.

O panorama mundial suscita o questionamento mais crítico, mais reflexivo e mais harmonizado sobre a sociedade que hoje se desenvolve em permanente movimento. Viverá esta sociedade a dimensão do presente e do futuro como projeto? Esse projeto inclui todas as pessoas de todas as raças e credos? Um projeto que tem inscrito em si a dimensão do futuro tem como principais áreas de ação a governação a educação e a formação, considerando também a participação pública. Uma participação pública promovida de forma a envolver vários atores e a experimentação propositiva de políticas públicas. Neste âmbito, a participação cívica resultará, naturalmente, de um processo generalizado de educação formal.²¹²

Se, por um lado, o valor do carácter imprevisível dos sinais do nosso tempo reside no desafio e na convicção do otimismo

**Educação,
formação e
governação**

**Viver em
conjunto**

da nossa vontade, por outro, o dinamismo da incerteza impele-nos a aprender a aprender e reaprender a pensar; aprender a conhecer, aprender a fazer, aprender a projetar; aprender a ser, aprender a operacionalizar e aprender a viver em conjunto²¹³, porque todos fazemos sentido em conjunto.

**Consumidor,
observador,
espetador**

Tal circunstância evidencia a importância de uma relação dialógica, e o facto de não se permanecer impassível enquanto outro age pelo próprio. Duas das posições mais importantes da experiência moderna, para além do consumidor, são a do observador e a do espetador. Observadores são, por exemplo, os fotógrafos, os realizadores de cinema, os repórteres de imagem de televisão, os cientistas, que produzem imagens que são consumidas pelo espetador. Por outro lado, a experiência do espetador, pode refletir-se na inércia de quem vê telenovelas ou na intensa performance de quem assiste a um intelectualmente exigente filme de David Lynch ou de Michael Haneke. Ambos sentados no sofá frente a um ecrã, testemunham a divergência entre a atividade e a anulação da pessoa. Contrariando o domínio do espetador, o que conta é o ato de o espetador não se tornar objeto das suas próprias máquinas. Assim, no aprofundamento da experiência, o espetador deve captar o seu potencial de interrogação, porque a batalha aqui é a do pensar.²¹⁴

O espetador tem que ter essa perceção, caso contrário, corre o risco de o mundo resvalar numa sociedade sem cidadãos, de meros espectadores, que embora conserve contornos democráticos, transformar-se-á numa sociedade letárgica de homens e mulheres resignados, presa fácil de qualquer totalitarismo²¹⁵. Não há dúvida de que os interesses comuns voltados para o presente, para o futuro e para a sobrevivência sugerem inequivocamente a mudança individual num tempo de crise global: “assumir em exercícios diários os bons costumes da sobrevivência comum”. Propõe-se a conquista do improvável mediante a disciplina, a prática como dimensão determinante da condição humana. “Se não puder mudar o mundo, mude-se a si mesmo”²¹⁶.

Nas sociedades, mediadas por um pensamento e conhecimento científicos, associados a mudanças rápidas e à inovação tecnológica, cresce a consciência de que se vive uma verdadeira revolução mundial, que requer preparação²¹⁷. Não esqueçamos que o motivo inicial do aparecimento destas sociedades modernas foi o gradual afastamento do homem em relação à natureza e o conseqüente caminhar em direção à cultura²¹⁸. É manifestamente na cultura que reside o problema e a solução.

SINOPSE DE EXPRESSÕES-CHAVE

MAFALDA E BARTOON: o nosso quotidiano e a BD; personagens inesquecíveis; *Mafalda*; a não superação das mazelas da sociedade; público-alvo; irresponsáveis a trabalhar; *Bartoon*; raramente cidadãos.

SOCIEDADE E MACROAMBIENTE : projeto comum; sociedade; indivíduo e sociedade; sociedade e cultura; auto-organização e complexidade; poder e dominação; nações ou estados; território; comunidade e governo; forma de estado; forma de governo; sistema de governo; regime político; ausência de um projeto; Leste e Oeste, Norte e Sul.

IDENTIDADE E PATRIMÓNIO CULTURAL: dois conceitos dinâmicos; identidade; identidade cultural; social e nacional; cultura e identidade; eleição e legado de bens culturais; seleção de referentes; proteção, transmissão, identidade; património cultural; lógica da valorização comercial do património; turismo; quadro institucional do património cultural; UNESCO, ICOMOS, ICCROM, abordagens integradas.

CONSTRUÇÃO DA AÇÃO COLETIVA: classes sociais; capital cultural; uma base interdisciplinar; sistema complexo; independência e liberdade; transformação da sociedade internacional contemporânea; procurar o sentido da complexidade;

concentrar-nos naquilo que depende de nós; cultura cristalizada na classe política; política pública como questão cultural; educação, formação e governação; viver em conjunto; consumidor, observador, espectador; afastamento da natureza; cultura, problema e solução.

TÍTULO

O Projeto

desenvolvimento | comunicação | cultura

AUTORA

Lúcia Saldanha

DESIGN E PAGINAÇÃO

Vitor Duarte

CRÉDITOS FOTOGRÁFICOS

Capa: MNAC, “Paris”, Gérard Castelo Lopes, ©DGPC/ADF

Págs. 8-9: MNAC, sem título, Jorge Silva Araújo, ©DGPC/ADF

Pág. 17: ADF/DDCI/DGPC, “Lisboa, Alfama. Rapaz bebendo numa bica”,
João Martins, ©DGPC/ADF

Pág. 51: MNAC, “Entrepasto”, Adelino Lyon de Castro, © DGPC/ADF

Pág. 77: Expo’98, Abílio Leitão, © Parque Expo 98, SA

Pág. 105: MNAC, sem título, Jorge Silva Araújo, ©DGPC/ADF

Pág. 131: MNaz, “Todos os Sinais”, Ilda David, Luísa Oliveira, © DGPC/ADF

Págs. 166-167: MNAC, sem título, Jorge Silva Araújo, ©DGPC/ADF

ISBN

978-989-658-338-5

DEPÓSITO LEGAL

401738/15

DATA DE EDIÇÃO

Dezembro 2015

EDIÇÃO



CALEIDOSCÓPIO – EDIÇÃO E ARTES GRÁFICAS, SA

Rua de Estrasburgo, 26 - r/c dto.

2605-756 Casal de Cambra. PORTUGAL

Telef.: (+351) 21 981 79 60

Fax: (+351) 21 981 79 55

E-mail: caleidoscopio@caleidoscopio.pt

www.caleidoscopio.pt